

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

“Que a sua sede não precise só de água, nem sua fome necessite só de pão”: um olhar sobre o significado dado à arte pelos estudantes e funcionários da Escola Municipal de Arte João Pernambuco

Recife, fevereiro de 2024

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Trabalho de conclusão de curso apresentado pela aluna **MARIANA DA CONCEIÇÃO ALVES** ao Curso de BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS da UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco, para obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais, sob a orientação do professor **JOÃO MORAIS DE SOUSA**.

Recife, fevereiro de 2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A474

Alves, Mariana

"Que a sua sede não precise só de água, nem sua fome necessite só de pão": um olhar sobre o significado dado à arte pelos estudantes e funcionários da Escola Municipal de Arte João Pernambuco / Mariana Alves. - 2024.

51 f. : il.

Orientador: Joao Morais de Sousa.

Inclui referências e anexo(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em Ciências Sociais, Recife, 2024.

1. Cidadania. 2. Arte. 3. Cultura . I. Sousa, Joao Morais de, orient. II. Título

CDD 300

MARIANA DA CONCEIÇÃO ALVES

“Que a sua sede não precise só de água, nem sua fome necessite só de pão”: um olhar sobre o significado dado à arte pelos estudantes e funcionários da Escola Municipal de Arte João Pernambuco

Data da Defesa: 26/02/2024

Horário: 16 horas

Local: Sala de informática do CEGOE - UFRPE

Banca Examinadora:

Prof. Orientador João Morais de Sousa

Prof.^a Dr. Alessandra Uchôa Sisnando

Prof. Dr. Everson Melquíades Araújo Silva

Resultado:

Arovada

Reprovada

AGRADECIMENTOS

Quero iniciar esses agradecimentos saudando meu avô que, com sua sanfona levemente desafinada soando os acordes de Assum Preto, primeiro me mostrou que a música também pinta quadros ao marcar pra sempre nessa melodia a paisagem de um quintal que foi por muito tempo todo o mundo. Ele também é uma referência pessoal a muito do que foi trazido neste trabalho como aspirante de músico tardio em decorrência dos contextos da vida que, sem as possibilidades que um espaço como a João Pernambuco, partiu sem de fato experimentar seu potencial.

Meu pai com seus discos, violão e o hino do Santa Cruz

Minha mãe por ser minha primeira referência em insistir em estudar e colocar a música na rotina da casa da minha infância até vida adulta cantando alto, cantando junto, cantando lindo e às vezes errado também. Obrigada por ser a chuva que lança a areia do Saara sobre os automóveis de Roma e por me ensinar a sempre pedir licença, mas nunca deixar de entrar.

Minha irmã por sempre ter dividido a realidade comigo e tantas vezes ter sido um suporte ainda que sem saber, até mesmo por só estar e às vezes me admirado mesmo quando em uma situação extremamente comum.

Todos as pessoas que compartilham suas realidades e verdades comigo. Ariel Assis por me apresentar a João Pernambuco e dividir risadas na sala de aula, risadas na sala de casa, por me fazer sempre ser melhor. Obrigada por me acordar tantas vezes cantando a plenos pulmões os pontos mais encantados e os cocos mais lindos; Vanessa Beltrão por me ouvir vezes sem fim reclamar sobre a universidade e me ouvir vezes sem fim elaborar ideias mirabolantes de trabalho de conclusão, uma dessas ideias se concretizou enfim; Isabela Moraes por mostrar a potência de explodir o universo e depois curar através da música, da voz e da escrita. Se hoje palavras me salvam foi porque aprendi com você; Simone Pereira pelos dias amanhecidos com copos esvaziados e as conversas mais inundadas de significados, subjetividades e análises sociais. Por isso me formo uma melhor cientista social; Jaque Lima por olhar

para o mundo com os olhos de poesia; Todos os meus universitários que dividiram noites e dias dentro das paredes dessa instituição com piadas e prantos: Cecília Duran, Diego Henrique, Adrienne Santos, Bruna Alves, Thamires, muito obrigada; Também aos não universitários e que foram e são acolhimento para sustentar a realidade, Hannah Cecília, Hannah Pitanga, Gabriela Sá, Pedro Henrique Germano, Alana Ferreira. Vocês são parte essencial desse percurso, espero um dia poder retribuir pelo menos um pouco do que recebo de vocês.

Um agradecimento especial a todos da Escola João Pernambuco que fizeram parte da pesquisa da forma mais aberta e sensível possível. A todos os professores do DECISO que se propuseram a promover uma formação mais humana, em especial em momentos de inconstância. Professor Maurício Sardá, Professora Júlia Benzaquen, Professora Gabriella Bezerra, Professora Grazia, Professora Andréa Butto, Professor Otávio, Professora Socorro Lima e todos que trabalham para construção do conhecimento em um olhar crítico para mundo, buscando transformá-lo de alguma forma.

Por fim, meu mais profundo agradecimento ao Professor João Morais que acreditou nesse trabalho, que poetizou suas aulas e sua existência, que deu todo seu apoio no meu percurso até esse momento. Não haveria conclusão sem sua participação, sem seu encantamento do mundo e sem um bolinho com café. Alegria, alegria.

EPIGRAFE

Precisa acabar com essa história de achar que cultura é uma coisa extraordinária. Cultura é ordinária. Cultura é igual feijão e arroz. É necessidade básica. Tem que estar na mesa, tem que estar na cesta básica de todo mundo. E pra isso é preciso que haja uma conscientização muito grande

(Gilberto Gil).

RESUMO

Este trabalho discorreu sobre o olhar dado à arte e a importância do espaço da Escola Municipal de Arte João Pernambuco a partir da perspectiva das pessoas que dão vida a essa escola, funcionários e estudantes. Considerando a escola em seu papel de promotora de inclusão social e democratização do ensino das artes em contribuição para uma formação cidadã, esse trabalho se concretizou através da realização de uma pesquisa qualitativa in loco, fazendo uso da observação participante, observação direta e de entrevistas. Entre os achados da pesquisa foi evidenciado que em referência à significação dada à relação com a arte e o espaço escolar pelos entrevistados se destacam a visão terapêutica do ambiente artístico, seu vínculo com o caráter religioso e a sensibilidade de despertar neles uma visão mais ampla e crítica da realidade social. Além da realização profissional, da concretização de sonhos e da elevação da autoestima.

PALAVRAS-CHAVES: Cidadania; Arte; Educação; Ensino; Cultura Popular

ABSTRACT

This paper discussed the perspective given to art and the importance of the space of the Municipal School of Art João Pernambuco from the viewpoint of the people who bring life to this school, employees, and students. Considering the school in its role as a promoter of social inclusion and democratization of arts education contributing to citizenship formation, this work was realized through the conduct of an on-site qualitative research, employing participant observation, direct observation, and interviews. Among the findings of the research, it was evident that regarding the significance given to the relationship with art and the school space by the interviewees, the therapeutic view of the artistic environment, its connection with the religious aspect, and the sensitivity to awaken in them a broader and more critical view of social reality stood out. Besides professional achievement, the realization of dreams, and the enhancement of self-esteem

PALAVRAS-CHAVES: Citizenship; Art; Education; Teaching; Popular Culture

Sumário

INTRODUÇÃO	12
CULTURA, ARTE, EDUCAÇÃO E CIDADANIA NA PERSPECTIVA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS.....	14
1.1 CULTURA E CULTURA POPULAR.....	14
1.2 EDUCAÇÃO	19
1.3 ARTE	21
1.4 CIDADANIA	23
CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	24
ESCOLA MUNICIPAL DE ARTE JOÃO PERNAMBUCO	29
1.1 FUNCIONAMENTO	29
1.2 DAS DIFICULDADES RELATADAS	32
1.3 ARTE, ESCOLA E SIGNIFICADOS	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
ANEXOS	45

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge da curiosidade despertada na autora da centralidade da arte na vida das pessoas, a partir especialmente, da vivência e contato com alunos e alunas da Escola Municipal de Arte João Pernambuco.

Localizada no bairro da Várzea, na rua Barão de Muribeca, 116. A escola tem seu nome em homenagem ao violonista do interior pernambucano João Teixeira Guimarães, o João Pernambuco, considerado o primeiro brasileiro a compor música exclusivamente para violão e reconhecido pela sua forma única de tocar maxixe, choro e valsa, o que de início desperta a curiosidade sobre a relação com a cultura popular, visto que a escola homenageia um artista que vivenciou a música que se pode nomear regionalizada.

O objetivo principal deste trabalho foi discorrer sobre o olhar dado à arte e à Escola Municipal de Arte João Pernambuco pelos seus funcionários e estudantes, bem como sobre a estrutura e funcionamento dessa instituição escolar. Os objetivos específicos foram: a) abordar os termos cultura, arte, educação e cidadania na perspectiva das ciências sociais; b) observar a estrutura, funcionamento e a proposta pedagógica da Escola Municipal de Arte João Pernambuco; e c) descrever o significado da arte e dessa escola para os funcionários e estudantes entrevistados.

A curiosidade de ouvir sobre oportunidades, dificuldades, motivações das pessoas que constroem esse espaço e buscam as manifestações artísticas como parte da rotina e da vida gerou o tema desse trabalho que espera, de alguma forma, contribuir para compreensão da importância dada por esses agentes às artes em sua formação como indivíduos, mas também em sua coletividade visto ser a arte e a educação construídas na relação com o outro e sua alteridade.

Portanto, a justificativa e a motivação para o desenvolvimento deste trabalho nasceu em observar o potencial da Escola Municipal de Arte João Pernambuco em promover cidadania e inclusão social através do seu processo formativo, sobretudo, em desenvolver em seus alunos sensibilidades e o pertencimento artístico-cultural no que tange às manifestações da cultura local. E ainda despertando neles sonhos e

o gosto pela poesia, pela cultura e pela arte em suas diversas formas de expressão como: dança, música, teatro e artes visuais.

Da mesma maneira, busca contribuir para a construção e melhor desenvolvimento de políticas públicas voltadas ao acesso à arte e educação, podendo cumprir esse papel como ferramenta informativa para gestores públicos das áreas de educação e cultura, a partir de um viés qualitativo de análise desse ambiente cultural e educacional.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: a introdução que ambienta a origem da proposta de pesquisa, seus objetivos e sua contribuição imediata; o primeiro capítulo que explicita a partir de quais perspectivas teóricas se observam os temas que são aqui abordados como arte, cultura, educação e cidadania, esclarecendo assim o aporte teórico que sustenta a visão do trabalho; o capítulo dois é dedicado à metodologia utilizada na pesquisa, com a descrição do seu local de realização e as ferramentas utilizadas; o terceiro capítulo trata das reflexões e análises suscitadas a partir dos diálogos estabelecidos ao longo da realização desta pesquisa; por fim, apresenta-se as considerações finais e as referências.

1. CULTURA, ARTE, EDUCAÇÃO E CIDADANIA NA PERSPECTIVA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

1.1 CULTURA E CULTURA POPULAR

O debate sobre cultura suporta grande variedade de conceituações. Inicialmente a cultura como termo sociológico e antropológico, como estruturante de uma sociedade ou determinante das formas de funcionamento - sendo melhor então falar em culturas, corrigem alguns antropólogos - passou por uma série de transformações ao longo da história desde o nascimento dessas teorias e formas de observar o mundo social (Laplantine, 2007).

Nesse sentido, cultura como termo geral está ligado a uma coletividade socializada. Ao pensar os clássicos, por exemplo, Durkheim (1978) em sua epistemologia funcionalista compreende o papel da cultura como elemento essencial para manter o funcionamento de uma determinada sociedade. O Fato social como agente exterior e coercitivo agindo sobre os indivíduos com muito mais imposição que a capacidade individual de agir sobre ele, de tal maneira, um elemento como a Educação ensina a cultura que influencia o indivíduo com suas normas e cria assim a coesão necessária para o funcionamento da sociedade com esses valores compartilhados: processo este fundamental para fortalecer laços de interação e sociabilidade no que tange às regras e normas culturais extensivas à toda coletividade.

Enquanto, por sua vez, em Marx (1978), a estrutura, que segue em certa medida a linha de Durkheim, de forte influência no individual, se diferencia deste pelo seu caráter de contradições e embates. Se a Cultura e a Educação aqui seguem o mesmo direcionamento, se impõem sobre os indivíduos, o fazem como elemento de classe. Assim sendo, a cultura, considerada imposta a uma determinada sociedade, é aquela que pertence à classe dominante. Ainda que se vista de um caráter de totalidade, a dialética como motor da história abre espaço para a disputa e a capacidade de perceber que, através da luta de classes transformando as condições materiais da realidade, se mudam as normas culturais. Nesse sentido, fica claro para Marx a ligação entre a materialidade e o cultural, e como ambos são elementos vivos em tensão.

Na antropologia, esse conceito se transforma. Se no seu nascimento a percepção era permeada de um evolucionismo cultural, no qual as sociedades eram qualificadas de selvagens, passando a bárbaras e atingindo por fim o status de civilizadas (Morgan, 2016). Após esse momento, a antropologia passa de uma evolução inexorável em linha progressiva na qual a mais evoluída cultura era a europeia branca, a uma relativização das culturas, as observando cada uma em seu contexto separado sem um viés comparativo per si. Passa também pela forte influência do funcionalismo com o já citado Durkheim e o inovador Malinowski (1978), o estruturalismo de Levi-Strauss (1982) até o momento da pós-modernidade na qual a voz do antropólogo na etnografia passa por fortes críticas e novas perspectivas embasadas pelo questionamento da capacidade real de um observador neutro em figura de autoridade o qual dita sobre um outro objetivado. Nesse sentido as subjetividades envolvidas são apagadas pelo papel preestabelecido na figura do etnógrafo que detém a capacidade de narrar uma verdade alheia. Esse momento de crítica permite então uma virada de chave na noção das vozes ouvidas em suas subjetividades, em suas consciências e também na consciência de não neutralidade do etnógrafo que carrega em si também sua subjetividade e formação (Caldeira, 1988). Para esse trabalho é essencial essa percepção e autopercepção, pelo espaço dado a quem fala, pelo reconhecimento da sua autonomia de pensamento e sua capacidade de dar significado aos elementos da sua realidade.

É nessa esteira de transformação que se desenvolve também a antropologia interpretativa. Em especial na figura do antropólogo Clifford Geertz (2008), esse que entende a cultura como pública, não no interior dos indivíduos, porque seu significado também o é (Castro, 2016). Ele desenvolve o conceito de Antropologia Semiótica que se volta à interpretação dos significados, de tal maneira, ele, em referência a Max Weber, recorre a sua noção de teias de significados. O papel da etnografia interpretativa, então, se realiza através de uma descrição densa e do esforço intelectual de compreensão desses significados a partir daqueles que a constroem. A voz ativa é daqueles que vivem nessa cultura (Geertz, 2008).

Dentro dessa grande disputa de conceitos e perspectivas se destaca a noção de cultura como leque de conhecimento, um significado bastante comum entre as pessoas que não estão inseridas nos debates de conceitos da esfera universitária.

Então, nesse sentido, culta é a pessoa que acessa esses conhecimentos demarcando assim aqueles que o possuem e aqueles que são destituídos deles. Cultura também se desdobra em um sinônimo de expressões artísticas. Também nesse sentido, existe uma demarcação do tipo de expressão que pode ser revestida como cultural em contrapartida a expressões desvalorizadas ou menosprezadas fora desse rótulo (Arantes, 1998).

Dentro desse debate sobre cultura se insere então o termo da cultura popular, que possui um debate próprio sobre seus entendimentos. Em um primeiro momento é importante ver como a inserção desse termo dentro da noção de cultura geral reforça esta como universal e neutra, em contrapartida a uma outra, específica, que terá características próprias em um jogo de oposições e comparações com essa neutralidade.

Então ao se referenciar à cultura popular, Arantes (1998) aponta a especificidade do elemento “popular” da cultura, ou seja, quem constitui esse grupo é algo que emerge do debate e, também dentro do espectro do poder, transparece o povo-massa como oposição a um grupo determinado como elite culta. Em seguida, ele pontua a noção de forte ligação dessa cultura popular com uma tradição, como oposição à cultura erudita. O que de partida já demonstra limites em relação a percepção da historicidade da cultura erudita que se reveste nessa percepção de um marcador de neutralidade diante da cultura popular que seria um conceito ligado a forte historicidade e resistência de um grupo minoritário. Fica dissimulada essa falta de historicidade da cultura erudita, visto que toda manifestação da cultura tem imbricada em si uma relação de poder que resulta no estabelecimento de determinada cultura como norma estabelecida. Toda manifestação artística é um objeto da memória materializado e traz em si elementos do contexto que criou as condições para sua formação.

Nesse sentido, não há erro em relacionar a cultura popular com uma forte tradição e historicidade. Exemplo disso se percebe na formação histórica de suas expressões. O Cavalo-Marinheiro, por exemplo, expressão artística típica da Zona da mata norte de Pernambuco e Sul da Paraíba, carrega essa marca com grande distinção pois é uma representação teatral passada entre gerações, resultado de sincretismo desde o período colonial, criada em um contexto de trabalhadores rurais canavieiros, ou

seja, há um marcador forte que liga classe e raça ao seu desenvolvimento (Costa, 2008). Da mesma maneira acontece com o Maracatu, a capoeira, o afoxé – vindo dos terreiros Kêtu Nagô, a congada e reisado, entre outras manifestações que possuem essa relação implícita e reforçada em suas representações.

O que há de incorreto em relação ao pensar a cultura popular é a sua redução a mero folclore ou tradição como coisa morta e estática, presa no passado ou um museu. Quando, na realidade, a relação de historicidade e sua carga simbólica de momentos passados, que são representados no presente, carregam em si as contradições e marcas desse presente, assim, é uma manifestação que também se transforma, devendo escapar da ideia de pureza de uma expressão a partir do corte de um determinado momento histórico, ou também a ideia de hierarquização de culturas que a coloca em patamar inferior desprovida de prestígio social (Arantes, 1998).

É importante lembrar que, como dito anteriormente, a cultura popular possui vários significados e são heterogêneos e diversos os eventos abordados por ela. A compreensão de cultura popular neste trabalho é colocada nos termos de um recorte da cultura mais geral, expressada nos usos, nas tradições, nos costumes e memórias das classes populares (Bosi, 2000). Assim, não se ousou definir cultura popular em toda sua dimensão já estudada, sobretudo pela antropologia. Portanto, aqui ela é compreendida como valores, crenças, tradições, modos de fazeres e saberes das classes populares; modo de vida que convive e/ou resiste ao mercado, ao modo (de vida) tido como "civilizado", refinado e culto e à cultura de massa (Sousa, 2008).

Quem é o povo de quem se fala? A expressão 'cultura popular', nos dois usos analisados neste capítulo, implica em visões valorativas (negativas) dessa categoria social. Ela se refere, por um lado, a 'povo-massa' (em contraposição a 'elite'), pensando neste caso como suporte de um não saber. Por outro, como constituindo o espaço social onde se preservam (deturpam) as tradições nacionais. (Arantes, 1998, 21)

Sendo a oposição posta entre cultura e cultura popular inserida no contexto da relação de poder, é possível perceber então a tentativa por homogeneização da diversidade e desigualdades.

Pensar a cultura é pensar a realidade de uma sociedade de classes, nesse sentido a cultura que se estabelece como norma é aquela que sai vitoriosa desse embate de poderes, como já apontado anteriormente por Marx (1978). Pensar a partir dessa perspectiva leva à reflexão também sobre as desigualdades regionais. Regiões que são os grandes pólos industriais e de serviços do país – eixo Sudeste-Sul – são também as que concentram a grande indústria cultural, que está envolta em grande papel homogeneizador e reproduzidor de tendências até seu esgotamento, forçando uma padronização e adequação aos formatos de mídias sociais como o Tiktok. Nesse sentido, músicas com limite de tempo, com possibilidades de dança e que buscam “viralizar” - enquanto o que se denomina cultura popular se constrói fora desse eixo e em especial em um recorte pequeno de bairros e regiões periféricas, novamente destacando a relação classe, história e resistência.

Este “colonialismo cultural” interno se materializa no fato de que a maioria das manifestações identificadas como “populares” ocorre hegemonicamente em outros lugares, fora do eixo Rio-São Paulo, onde estão concentrados os principais meios de difusão. A relação entre cultura popular e poder no Brasil, portanto, passa quase sempre primeiro pela região, depois pelo Estado, pelo município e, na maior parte das vezes; somente lá no distrito, isolados em lugares extremos do território brasileiro estão os grupos artísticos de criação popular. [...] Não é difícil, então, compreender que os conflitos culturais assentados nesta oposição entre cultura popular e cultura de elite, são, na verdade, correlatos a diversos outros conflitos – raciais, de classe, políticos, econômicos e simbólicos. Esta estrutura cultura popular/precariedade material/escasso poder político vigente no país, se manifesta também no fato de que um enorme contingente de mestres populares são negros (Costa, 2008, 10).

Essa é uma relação importante de pensar no contexto desse trabalho, uma vez que a escola está localizada em um bairro notoriamente conhecido pela sua efervescência cultural, em especial essas manifestações populares, os maracatus, os cocos de roda, escolas de capoeira que nele residem e resistem. Essa resistência se dá onde a vida é de fato vivida, seja nas periferias das cidades ou mesmo em seus templos mais modernos, seja no comércio e no artesanato, no mundo agrário e nas Colônias de Pescadores, resumindo, no mundo do trabalho. É por isso que não se pode discorrer sobre a riqueza de suas manifestações, a exemplo, dos maracatus, frevo, congado, reisado, bumba-meu-boi, mamulengo,

cavalo-marinho, caboclinho, repente, coco de roda, ciranda, literatura de cordel, e poesia matuta (Sousa, 2008).

De tal forma, observar a relação entre culturas a partir dessa perspectiva, de quem é esse popular, de onde a escola se localiza, dos embates de poder, também introduz no debate o papel da escola. Nesse caso, em que medida é possível pensar a instituição escolar como reforço de estruturas e desigualdades e em que medida é possível encarar seu papel transformador, com uma outra maneira de ensinar e socializar. Reorientada para uma atuação não utilitarista, mas multicultural.

1.2 EDUCAÇÃO

Bourdieu (1998) analisa o papel da instituição escolar destacando a concepção de privilégio cultural. Para sua perspectiva o nível de êxito escolar de determinado estudante está ligado ao nível cultural dos antepassados deste, ou seja, existe um capital cultural que é passado entre gerações como uma espécie de herança cultural e que funciona como elemento de distinção e fator de exclusão entre aqueles que o possuem e aqueles que não o possuem, criando assim uma desigualdade de origem que só poderia ser minimizada pelo ambiente escolar institucionalizado e que também acaba gerando uma perspectiva de ascensão social através da escola.

O privilégio cultural torna-se patente quando se trata da familiaridade com obras de arte, a qual só pode advir da frequência regular ao teatro, ao museu ou a concertos. Em todos os domínios da cultura, teatro, música, pintura, jazz, cinema e conhecimentos dos estudantes são tão mais ricos e extensos quanto mais elevada é sua origem social (Bourdieu, 1998, 45).

A perspectiva de Bourdieu (1998) da escola como agente conservador se destaca frente a um contexto escolar da João Pernambuco que, de princípio, busca anular essas desigualdades de partida, uma vez que não se utiliza do pré-requisito de um saber prévio das modalidades artísticas ofertadas na sua grade de ensino. Esse tipo de exigência de um conhecimento artístico que pode se revestir, em grande medida, de um caráter elitista que é o acesso ao estudo formal da arte - em especial, podemos destacar a música no que toca a leitura de partituras - pode ser percebido como reforço dessas desigualdades de partida e é algo que essa escola elimina. É possível pensar como esforço provocativo em que medida então esse ambiente é

capaz de transitar entre essa cultura erudita de leitura musical voltada a acessar um capital cultural específico e uma educação artística de caráter popular, como citado, ligado a regionalidade em transformação, com caráter questionador.

Em Moacir Gadotti (1983), por exemplo, ele compreende uma transformação na percepção social em relação à Educação. Para ele, a década de 1970, em consequência do contexto nacional de uma ditadura empresarial-militar, passa das certezas e importância dos benefícios da educação para o questionamento do seu papel de manipulação da sociedade ou aparelho reprodutor. Ele aponta como no fim dessa década se passam das críticas exacerbadas em relação a educação a uma forma mais orgânica crítica, com os educadores e educadoras em sua formação mais conscientes e inclinados a uma redefinição da concepção de educação. Nesse caso ele aponta que a educação é política porque tudo é político, mas no que tange a educação em sua forma mais explicitamente política, enumera quatro sentidos que são: a transmissão de modelos sociais, formação da personalidade, difusão de ideias políticas, e sua forma institucional escolar. O que, conclui ele, está ligada à transmissão da classe dominante dentro de uma sociedade de classes, tal qual a forma de atuação da cultura e da arte.

Fato é que na definição e consolidação desses conceitos existem sujeitos sociais que o reproduzem, um desses é a escola como instituição.

A educação sempre foi política, o que precisamos é ter clareza do projeto político que ela defende, politizando-a. [...] Antes de pensarmos em formar profissionais do ensino é preciso que saibamos que modelos sociais iremos transmitir, que conteúdos estamos veiculando, que classe estamos defendendo, de que ponto de vista estamos pensando a educação: do ponto de vista do povo ou do sistema? [...] A única maneira de conciliar um trabalho nessa linha face ao atual sistema é começar a criar espaços de uma prática pedagógica que possa ser assumida pelas classes populares e se colocar a serviço disso (Gadotti, 1983, pág. 140).

Gadotti (1983) entende que a concepção dialética da educação está em antagonismo com algumas concepções da educação, a primeira delas a concepção metafísica¹, esta trabalha para o ideal do que o indivíduo deveria ser e que estaria

¹ O termo metafísica é utilizado neste trabalho no sentido simples daquilo que transcende a natureza da física

assim voltada para uma conquista individual ou pessoal; a concepção positivista, ou funcionalista, que enfoca o papel da educação como instrumento para diluir as contradições e trabalhar assim para o bom funcionamento e coesão social. Não trabalha com crítica mas com adaptação; Enquanto a concepção tecnoburocrática ou tecnocracia, que trabalha impondo limites à criatividade, volta-se para as questões de razão técnica.

Por sua vez, uma concepção dialética da educação está voltada para a consciência coletiva, relacionada a processos concretos de interação das condições reais e materiais da vida, de acordo com ele uma pedagogia que se volta para a construção de um 'homem coletivo' o que, e é interessante lembrar ao se falar de um processo de educação artística na cidade do Recife, como diz Chico Science 'O homem coletivo sente a necessidade de lutar'.

Em Paulo Freire (1983, 1987), essa dialética transparece quando entende que o processo educativo se constrói dialogicamente, pelo diálogo, inicialmente assume a autonomia de pensamento e capacidade de transformação de ambos os lados que dialogam. Ele destaca que o papel de quem educa não é a domesticação, mas a comunicação. "Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a 'sede do saber', até a 'sede da ignorância' para salvar com este saber os que habitam nesta." Ele trabalha para conscientização através da prática pedagógica, a tomada de consciência da posição que se ocupa na realidade em que se vive. É através dessa perspectiva de autonomia do pensar e construção de conhecimento que se observa a realidade nesse trabalho e, nesse sentido, tem muito da forma que se escolhe compreender também a própria concepção de arte.

1.3 ARTE

Ersnt Fischer (2002) se debruça sobre o papel da arte e reflete sobre suas funções plurais. Se por um lado, ele aponta a possibilidade da função da arte como fuga da realidade, na qual a não identificação pessoal com a representação artística da realidade possibilita uma fuga desta - uma perspectiva quase nietzschiana da necessidade de não ser esmagado pela crueza da realidade através da imersão no universo artístico - por outro lado, através desse universo representado pelas manifestações artísticas, o ser individual é capaz de mergulhar novamente no

coletivo, pois busca ir além de si e almeja ser um ser total, no que Fischer destaca a capacidade humana de associação, nesse reencontro com a coletividade.

Dentro desse leque de funções, é interessante perceber também como a arte possui uma função dentro até da própria psicanálise. Sendo seres com pulsões, no pêndulo do desejo ao não ser capaz de realizá-lo, uma das formas de canalizar essa energia não concretizada é através de movimentações artísticas. De tal maneira, a arte exerce uma função curativa ou terapêutica (Freud, 2014), não à toa existe a figura de Nise da Silveira fazendo seu uso na luta antimanicomial.

Fischer (2002) destaca ainda a função da arte em uma sociedade dividida em classes, nesse aspecto, a finalidade de minimizar diferenças sociais criando uma noção de universalidade humana além das classes com uma identificação com a estética da classe dominante, entra em choque com a função da arte nessa mesma sociedade dividida em classes de forma a despertar a inquietação que leva a ação.

No primeiro caso, recai-se em uma aproximação com a perspectiva de Bourdieu (1998) de Capital Cultural, a arte como aparato de classe, assim como a educação, vira um marcador de diferenças diante da verdadeira estética e conceitos que uma classe possui e a outra carece, o arbitrário social, que recai em uma violência também simbólica.

Aproximando-se muito mais do segundo caso, Ciro Marcondes Filho (2016), traçando um paralelo entre comunicação e arte, destaca a capacidade de 'violentar o pensamento' no sentido de provocação do ser, forçar um processo de descobrir em si novos pensamentos e conhecimentos e ultrapassar fronteiras individuais de tal forma a reverberar na relação com o mundo. Aproxima-se assim, também, da reflexão de Fischer sobre a saída do individual em retorno ao coletivo.

A concepção de totalidade do ser se mostra como ponto de interseção com a concepção de autonomia na educação, em especial uma educação popular. Uma educação que busca formar pessoas para ocupação dos espaços e uma relação sensível com o mundo além da reprodução de mão de obra técnica, capaz de promover uma nova forma de relação entre os planos da subjetividade com o meio ambiente. Educação para formação cidadã e emancipação do pensamento.

Sendo assim, esse trabalho parte dessas concepções de cultura, educação e arte, em uma perspectiva na qual esses elementos se encontram na potência de produzir autonomia direcionada ao povo, ao popular que nomeia a cultura para e pela coletividade que questiona e que transforma. Volta-se a uma percepção de cidadania que está além do direito de receber do estado como garantidor de direitos, mas de agente ativo capaz de ingerir na sua realidade. É através dessa abordagem que se escolhe olhar para o espaço da Escola Municipal de Arte João Pernambuco e buscar compreender como, através dessa relação com a cultura se constroem os significados da necessidade da arte para essas pessoas nesse local e em suas rotinas.

1.4 CIDADANIA

As abordagens de cidadania e participação desenvolvidas neste trabalho se pautaram nas perspectivas de autores como Gallo (2002), Sousa (2008 e 2007), Keim (2011) e Boff (1999 e 2012). E essas abordagens enfatizam o âmbito da esfera pública ao defender que ela só existirá com pessoas se ocupando dela, independente da vontade dos não participantes. Apregoa que a ausência de participação na esfera pública, por exemplo, contribui para a apatia e o desestímulo da maioria. Essa perspectiva afirma que quanto menos pessoas participarem, mais os interesses dos que participam prevalecerão, nem sempre conforme os da maioria, mas de acordo com os interesses particulares dos que participam. Os autores citados chamam a atenção para o seguinte fato: quem renuncia à participação endossa o que for decidido pelos outros. Assim, não participar dos espaços coletivos renuncia à cidadania e passa da condição de sujeito para a de objeto; de governante a governado; de autônomo a subserviente; perde-se a autodeterminação.

Nessa perspectiva, cidadania é o direito de ter direitos, o direito de conhecê-los e usufruí-los cotidianamente, o direito de construir novos direitos. Lembrando que os principais direitos garantidos na nossa Constituição são: à vida, saúde, educação, cultura, igualdade, dignidade, expressão, opinião, profissionalização, proteção no trabalho, ao esporte, respeito e lazer. Portanto, cidadania é o exercício contínuo desses direitos, fazendo-se necessário propô-los, debatê-los, acompanhá-los, fiscalizá-los e avaliá-los (Sousa, 2007; Gallo, 1995).

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Inicialmente foi feita uma revisão sobre os termos de Cultura, Arte, Cidadania e Educação em autores essenciais como os clássicos da Ciências Sociais Marx e Durkheim; em autores chaves da antropologia como Celso Castro, Teresa Caldeira e Clifford Geertz, além de pensadores essenciais à Educação que são Paulo Freire e Moacir Gadotti. Em relação “a necessidade da arte” e suas funções foi revista a obra de Ernst Fischer, além dessa função no âmbito da psicanálise freudiana. Para nortear as referências em cidadania foram trazidos Bosi

Para a realização desta pesquisa, considerando estar falando de uma pesquisa que envolve muito das subjetividades, tanto por estar relacionada à arte, que possui em si grande carga subjetiva, quanto pela centralidade da percepção das pessoas; e que, por isso, implica nas capacidades de significação de cada indivíduo com aquela realidade em que está inserido, foi preferível trabalhar com a abordagem qualitativa em destaque, pela faceta desta em aprofundar e destacar a voz ativa das pessoas envolvidas e uma maior abertura à alteridade e captação de complexidades sociais. Sendo ela capaz de abarcar mais profundamente os significados subjetivos dados pelas pessoas a suas experiências, também está aberta à confiança na voz ativa daquelas pessoas que interpretam e constroem o entendimento das realidades nas quais estão inseridas (Creswell, 2010).

No entanto, por reconhecer o forte caráter de política pública envolvido no funcionamento da escola, e por isso, buscando compreender o número médio de pessoas que fazem parte da instituição, também foram levantados dados quantitativos fornecidos pela secretaria da escola. Nesse sentido, o enfoque é em mensurar numericamente a quantidade de indivíduos atendidos pela instituição, tanto em relação a prática pedagógica quanto ao acesso à alimentação, que é garantida pela escola, não havendo, no entanto, intuito de processamento de dados sistemático nos termos nos quais se encaixam estritamente o conceito de pesquisa quantitativa (Creswell, 2010), uma vez que a ausência de informatização da escola - como uma de suas dificuldades, aprofundada no capítulo final deste trabalho - não permite o levantamento de variáveis suficientes para tais análises.

Foram realizadas entrevistas como meio para melhor acessar o aspecto de

significação dos envolvidos na pesquisa. As entrevistas, que são uma ferramenta de coleta de dados muito utilizadas nas ciências sociais, foram utilizadas nesse trabalho em sua forma semiestruturada, ou seja, parte dos questionamentos roteirizados são fixos e invariáveis para todos os participantes, enquanto a outra parte permite um maior grau de flexibilidade com improviso a partir dos caminhos que o diálogo pode tomar em cada interação (Appolinário, 2012).

A parte estruturada focou em um levantamento de gênero, raça/cor, faixa etária, situação de emprego, escolaridade, região de residência e religiosidade. Considerando o número de entrevistados e a, já citada, dificuldade de dados pela ausência de sistema, esses aspectos não puderam ser aprofundados apropriadamente, sendo apenas possível extrair sugestões do que se foi levantado. Essas sugestões orbitam, principalmente, em referência a faixa etária, região de residência e religiosidade e serão destrinchadas no capítulo seguinte.

Tendo em vista o bairro no qual se localiza a escola, entende-se como essencial o aspecto da localidade de residência dos estudantes da escola na tentativa de dimensionar o alcance do acesso em relação ao local de residência das pessoas. Dentro da percepção sobre faixa etária, foi pontuado como as turmas matinais são formadas majoritariamente por alunos e alunas de uma faixa etária mais alta e também por turmas de crianças. As turmas formadas no turno vespertino conseguem um maior mistura entre faixa etária com pessoas mais idosas, adolescentes e adultos dividindo o mesmo espaço. No noturno, a maioria dos discentes estão na faixa etária dos trinta anos. Ainda dentro dessa perspectiva foi pontuado uma distinção geral de idade entre modalidades, na qual no curso de teatro é composto por uma faixa etária mais jovem. Essas distinções dão margem de interpretação em relação a ocupação e trabalho, pessoas com menos flexibilidade, no caso noturno os adultos, que encaixam os horários da escola em sua agenda de trabalho, ou até de trabalho e estudo, enquanto por sua vez, grupos com mais flexibilidade de horário, crianças e idosos, ocupam os horários diurnos.

A parte não estruturada do roteiro da entrevista foi pensada visando, através de perguntas mais livres e a possibilidade de diálogos mais informais, alcançar o aspecto de motivação dos discentes para ocuparem tal espaço e a compreensão dos entrevistados sobre o papel da escola no seu cotidiano, ou, no caso dos

entrevistados funcionários, o papel da escola na vida dos discentes. Visa assim, através da possibilidade de improvisação dos diálogos, seguindo o fluxo de troca e disponibilidade de cada entrevistado e entrevistada, a compreensão singular de cada pessoa, da sua trajetória de vida que se conecta a motivações em ocupar esse espaço. Essas motivações podem estar relacionadas a aspectos como: profissionais, o aprendizado da arte como forma de lazer e terapêutico e o enfoque no desenvolvimento cognitivo como aprendizado de novas habilidades. Volta-se também, conseqüentemente, para compreender as motivações por trás da escolha da modalidade artística – música, dança, artes visuais, artes cênicas - em conexão com a motivação anterior, e ainda compreender o papel da escola na vida e rotina de cada entrevistado.

As entrevistas se iniciaram em janeiro de 2024 às vésperas do retorno às aulas. Até esse momento foram priorizadas as entrevistas com os funcionários para que com a maior movimentação de alunos e alunas no período normal de atividades o foco se voltasse para esse grupo.

Foram realizadas 7 entrevistas no total, sendo 4 delas com o grupo de funcionários (foram entrevistados três professores de duas modalidades de ensino diferentes, sendo uma professora estagiária; a quarta pessoa entrevistada ocupa a função de agente administrativa escolar, que representa a secretaria; dos dois professores concursados citados anteriormente, um ocupa a direção da escola e o outro possui Função Técnico Pedagógica) e as outras 3 entrevistas foram realizadas com alunas.

Do grupo de funcionários, duas eram mulheres e dois homens. A secretaria da escola é ocupada por uma mulher autodeclarada parda, com graduação completa na área de letras, na faixa dos 30 anos, moradora da zona oeste no bairro do Cordeiro, sem religiosidade declarada. Ela atua na escola há 17 anos. A outra mulher participante da entrevista, também autodeclarada parda, ocupa a função de estagiária, está em formação pela UFPE na área de Artes visuais, moradora do Cabo de Santo Agostinho, sem religiosidade declarada e na faixa dos 27 anos de idade, atua na escola há quase 2 anos. Dos dois homens participantes, um deles ocupa o cargo de direção da escola. Ele possui pós-graduação na área de música, autodeclarado branco, na faixa dos 60 anos, morador da zona norte do bairro de Casa Amarela, atua na escola há 30 anos, sendo 6 destes anos como diretor, sem

religiosidade declarada. O segundo homem participante da entrevista ocupa função Pedagógica, também com graduação da área de música e morador do Cabo de Santo Agostinho, ele está na faixa etária dos 60 anos de idade e declara vínculo religioso de religião cristã, atua na João Pernambuco há 2 anos.

No grupo de estudantes entrevistados foi possível encontrar uma variedade de áreas e de perfil. Para além do gênero, visto que todas as três entrevistadas eram mulheres cis, a primeira estudante era uma mulher autodeclarada preta de 21 anos com ensino médio completo. Matriculada na área de dança e com vinculação à igreja, está em seu primeiro semestre na escola. A segunda participante é uma mulher branca de 43 anos de idade, com formação em pedagogia e sem vinculação religiosa; matriculada na área de dança, mas com o curso de teatro concluído na própria João Pernambuco, ela relata participar da instituição há 10 anos. A última entrevistada é uma mulher de 77 anos aposentada, ligada à religião evangélica, com grau de escolaridade no ensino fundamental incompleto, também declara estar vinculada à escola há 10 anos, entre afastamentos e retornos, matriculada na área de música com seu instrumento prático sendo a bateria.

Os atores envolvidos foram divididos, para fins de organização, em dois grupos: o corpo discente e o corpo de funcionários (docentes, secretaria, direção) da escola para buscar dimensionar a centralidade do espaço e da arte na vida dos discentes que procuram esse local. Entendeu-se que além da voz ativa dos próprios estudantes seria essencial ouvir a opinião daqueles que trabalham na escola pois esses seriam capazes de trazer uma perspectiva única sobre as histórias com as quais se deparam e uma percepção em relação a possíveis mudanças aparentes no perfil desse corpo discente ao longo dos anos no espaço escolar.

Também foi utilizado, junto aos métodos já citados, a observação. Forma de contato mais direto com o objeto ou ambiente de estudo através dos próprios sentidos de quem pesquisa e seu trabalho de percepção (Appolinário, 2012). Nesse caso, foi utilizada a observação participante, que permite a interação e vivência prática das experiências. Tendo em vista que a autora é parte do corpo discente, essa foi uma abordagem que possibilitou uma grande inserção no ambiente e o desenvolvimento de uma relação de confiança nos diálogos travados, além da identificação entre sujeitos que contribuiu para essa confiança construída; e a observação direta, a

partir da análise e observação da movimentação no ambiente escolar e as interações entre alunos, alunas e funcionários.

ESCOLA MUNICIPAL DE ARTE JOÃO PERNAMBUCO

Esse capítulo aborda o funcionamento da escola de arte, englobando nesse aspecto as dificuldades relatadas e a proposta pedagógica da instituição a partir dos seus funcionários. Aborda também a percepção da importância da escola na realidade dos seus estudantes, a partir de relatos dos mesmos e dos funcionários, e o sentido da arte em suas vidas e desenvolvimentos pessoais perpassado pelas motivações de estarem ocupando tal lugar.

1. FUNCIONAMENTO

A escola foi fundada em 1992, completando agora 32 anos de funcionamento. Ela possui na entrada o estacionamento para veículos, o bicicletário e a secretaria com sala de professores. Distribuídas entre o térreo e o primeiro andar, estão as 16 salas que se dividem entre as turmas de teatro, música, as salas específicas para cada instrumento musical estudado, artes visuais e dança.

No térreo é possível observar área de convivência com seu chão de pedra, longo banco de cimento e algumas árvores espalhadas pelo local com os muros internos pintados e coloridos de desenhos diversos; esse espaço aberto fica de frente para a cantina que possui algumas mesas dispostas e se enchem de burburinho no horário das refeições servidas. São fornecidas as três refeições nos três turnos em que a escola funciona semanalmente.

Nos fundos da escola está localizado o teatro que recebe expressões artísticas tanto do próprio corpo discente, como de artistas convidados, como é o caso dos principais eventos promovidos no local que são a Semana da Música, Abril para Artes e Mostra de Teatro a Portas abertas, além de outros eventos como é o caso da Calourada Cultural que estava se realizando em parte da realização deste trabalho. O espaço possui ainda uma biblioteca chamada Luiz Gonzaga - mais uma vez referência regional - e rampas de acessibilidade no térreo, não havendo, no entanto, essa acessibilidade em relação ao primeiro andar.

A secretaria da escola forneceu os dados numéricos da instituição que possui atualmente, no primeiro semestre de 2024, 14 professores efetivos, com 1001 matriculados, sendo um total de 44 turmas e com a seguinte divisão por turnos: manhã, 197 estudantes; tarde, 473 estudantes e noite, 331 estudantes. Em relação a cada modalidade ofertada são, no total, quatro modalidades com a maior parte dos discentes alocados na área de música, que possui 426 estudantes, seguida por artes cênicas com 305 estudantes, dança com 97 estudantes e, por fim, artes visuais possuindo 56 discentes. Destaca-se ainda que desses números 117 são crianças e 30 deles são Pessoas com Deficiência.

A João Pernambuco possui uma relação estreita com a Universidade Federal de Pernambuco de onde provêm muitos dos estagiários que atuam ministrando aulas junto com os professores efetivos e que são parte dos estágios curriculares para os licenciandos que compõem este grupo. O maior número desses estagiários são direcionados para a área de música pelas especificidades dos instrumentos e direcionados também para área de teatro.

Das quatro modalidades artísticas, no entanto, apenas o curso de artes cênicas possui o caráter profissionalizante do qual os concluintes, após realização da oficina de inicialização, concluem 2 anos de curso básico, podendo entrar em seguida em mais 2 anos de curso profissionalizante com direito ao DRT - Registro profissional emitido pela Delegacia do Trabalho de cada estado - que garante direito a trabalhar em qualquer lugar do Brasil como profissional em teatro. O curso de música, além da oficina de inicialização, segue com 2 anos de curso básico que, no momento da realização deste trabalho, possuía aspirações de se abrir turmas profissionalizantes no modelo das artes cênicas, como explicado pela direção da escola. As modalidades de dança e artes visuais são constituídas apenas por oficinas de turmas formadas a cada semestre.

O espaço é um ambiente de socialização das diversas singularidades entre si (diversidade de classe, cor, gênero, orientação sexual, faixa etária, escolaridade, religião), bem como destas em relação às modalidades artísticas oferecidas (artes visuais; música – bateria, piano, violão, trompete; dança – dança contemporânea, dança urbana; teatro – teatro de bonecos, teatro integrativo) que induzem vivências capazes de ampliar a percepção desses sujeitos como agentes construtores de seu

conhecimento.

A escola abarca crianças a partir de 7 anos de idade e não possui limitação máxima de faixa etária. Iniciando sempre por uma oficina de inicialização para cada modalidade oferecida como forma de introduzir em um primeiro contato as pessoas iniciantes com a modalidade escolhida. A escola desenvolve de tal maneira suas atividades como agente de democratização, além do elemento de inclusão social promovido pelo ambiente escolar, visto ser uma escola subsidiada pela Prefeitura da cidade do Recife, sem necessidade de conhecimento prévio teórico-prático na modalidade artística que venha a ser escolhida.

Essa abertura sem necessidade de conhecimento prévio é capaz de minimizar desigualdades de partidas ligadas ao capital cultural como herança cultural nos termos de Bourdieu (1998) e está vinculada à proposta de funcionamento pedagógico da escola. Uma proposta de pedagogia para a vida além dos muros institucionais, de suscitar questionamentos, de trabalhar uma formação cidadã gerando senso crítico da realidade social, tanto aquela em que cada pessoa se insere, quanto a que está ao seu entorno, tendo clareza de que a escola também reflete relações da sociedade com seus aspectos de tensões sociais.

Principalmente, em minha opinião acho que toda escola, não só escola de arte deveria exatamente isso, educar voltado para vida, para compaixão, para **solidariedade**, procurar ser o... tentar extrair o melhor possível de si próprio né, e ser **cidadão** né, ter **senso crítico** eu acho que o prazer né, ter o prazer de fazer as coisas e que tá dentro de tudo isso porque se você tá num local que você se sente bem, você vai ter prazer em fazer. Eu acho que a função primordial da escola na minha opinião é essa é **educar pra vida** pra ter prazer pra ter um ambiente de paz (Diretor).

Pensada como parte de sua postura pedagógica, a escola se propõe a intensificar sua relação com a cultura popular, buscando anular a divisão entre Cultura Erudita e Cultura Popular, se libertando dessas distinções e estigmas. Reforçando o incentivo à música nacional, buscando formar grupos de Maracatu, Bumba Meu Boi e Cavalo Marinho. Ainda nesse aspecto, a instituição mantém relações com grupos de cultura popular em seus projetos musicais convidados para Semana da Música e Abril para Artes, além de outros eventos promovidos dentro da escola. Esse é um aspecto nítido ao se participar desses eventos, mas também declarado como proposta no discurso dos professores e diretor.

1.2 DAS DIFICULDADES RELATADAS

Esse foi um dos elementos do roteiro da entrevista, tendo em vista que as dificuldades pontuadas podem ter influência na realização dos objetivos de cada pessoa, estreitamente relacionado com as motivações de ocupação do espaço. De tal modo foi entendido como importante ponto a ser ouvido de cada entrevistado de ambos os grupos.

Quanto às dificuldades da escola, conforme relatado, destaca-se a falta de informatização com um sistema próprio para escola usar no processo de matrícula. Os dados referentes a escola, e que foram expostos no ponto anterior, foram organizados por protótipo de sistema feito pelos próprios funcionários a partir do ano de 2022, o que dificulta o levantamento de número de dados totais dos 32 anos de funcionamento da escola, bem como o acompanhamento e a integralização dos dados quantitativos da escola com outras escolas da rede municipal. Esta ausência de informatização reverberou também nos levantamentos dessa pesquisa no sentido de um recorte de raça, idade ou gênero. Neste último recorte, de identidade de gênero, por exemplo, a escola fez a adequação ao direito de uso de nome social, como pode ser visto nos anexos no formulário de matrícula, mas não foi possível acessar esse quantitativo.

A agente administrativa à frente de todo esse cuidado de acompanhamento de dados relatou como no seu ingresso, no ano de 2006, toda documentação era em papel. Nesse momento, com auxílio de estagiários então presentes, muitos dados foram inseridos no computador manualmente a partir de cadernetas, mas nesse processo era possível perceber muitas informações dúbias. Esse processo manual a partir de papel ainda se mantém, apesar do protótipo de matrícula online criado pela própria secretaria da escola.

Outros elementos de dificuldade observados foram, em primeiro lugar, o longo período sem realização de concurso o que reforça a dependência da contratação de estagiários. A contratação de estagiários levantou outro ponto de dificuldade que é a desigualdade de professores por área. Sendo o carro chefe da escola os cursos de teatro e música, no momento dessa pesquisa, o curso de artes visuais por exemplo contava apenas com uma estagiária para todas as turmas, que no momento eram

quatro, englobando turmas infantis e adultas. De tal maneira a troca de ideias e experiências de ensino, além de feedback dentro da própria área é compreendida como prejudicada, e envolta em uma percepção de menor importância e destaque quando em comparação com as outras áreas.

Por parte dos estudantes foi pontuado certa dificuldade no acesso a professores específicos de música. O quantitativo de professores muitas vezes não acompanha o número de alunos em relação a prática de instrumentos, levando a uma concorrência interna pelas vagas para aulas práticas. Ainda assim, a maioria destacou o funcionamento e acolhimento da escola como superior a possíveis dificuldades.

2. ARTE, ESCOLA E SIGNIFICADOS

Em relação a motivação a partir da perspectiva daqueles que trabalham na escola alguns pontos se destacaram: inicialmente o caráter terapêutico do espaço artístico e o caráter religioso. Em relação a este último a observação recai em especial sobre religiões cristãs, e mais especificamente evangélica. Pessoas que atuam dentro de suas congregações, que compõem o coro da igreja ou que pretendem aprender algum instrumento para tocar dentro do espaço religioso e veem na João Pernambuco essa possibilidade de instrução. Do corpo de funcionários apenas um se disse religioso, de religião cristã católica, enquanto em relação às alunas duas delas se declararam com vínculos em igrejas evangélicas. Para além das entrevistas, através da observação participante, vivenciando o ambiente de aulas e do pátio, também foi possível perceber o número significativo de pessoas ligadas a congregações evangélicas. Em referência às alunas entrevistadas que se declararam ativas em suas religiosidades levadas para o ambiente da escola, a terceira entrevistada, aluna de bateria com 77 anos, deu destaque a ligação de toda sua família com a música e a igreja. Ela que já possui uma relação de 10 anos com a escola, na qual já estudou e após um intervalo de anos retorna para reforçar seus conhecimentos e poder usá-lo no coral que participa na igreja. A música para ela “está no sangue” é um elo familiar e um elo com deus.

Dessa relação com a religiosidade, essa vivência na escola ressalta o aspecto de

aproximação com o sentimento divino através da música, além do aspecto técnico em si do aprendizado. Essa percepção da conexão religiosa recai muito fortemente justamente sobre a modalidade de música. A relação do âmbito religioso com outras modalidades não ganhou destaque, o que levanta questionamentos da forma de ensino dentro da modalidade de música, da capacidade de provocação ao questionamento ou contato com o contraditório, uma vez que nessa distinção de perfis entre cada modalidade ensinada é um aspecto pontuado como especificidade, por mais de um entrevistado, o perfil individualista dos estudantes de música em relação às outras modalidades, tendo em vista que no estudo musical, em grande medida, o estudante volta-se à prática individual, repetição entre o eu-músico e a solidão com seu instrumento, enquanto em categorias como teatro a relação eu-outro pressupõe a dinâmica interativa. Pode-se entender, nesse sentido, um indicativo de aspecto conservador dentro dessa modalidade.

Ainda dentro dessa perspectiva é possível compreender como se aprofunda pela prática musical o canal de comunicação com o metafísico¹ e reforça os ensinamentos de fé que tem suas informações cristalizadas no ritmo e na sonoridade. Esses são capazes de levar a um estado de espírito de encantamento, de compartilhamento entre os presentes e assim ao êxtase (Bosi, 2003). A escola é um local que permite aprofundar o instrumento que permite essas pessoas se inserirem como agentes que atuam criando essa atmosfera.

Em relação ao caráter terapêutico, também inicialmente citado, foi levantada a questão da relação das turmas infantis, muitas dessas crianças se encaixam no espectro autista e encontram nas artes uma forma de desenvolver a personalidade e a sensibilidade, como forma de canalizar e aperfeiçoar uma inclinação que já se percebe nelas. É uma percepção muito fortemente narrada quanto às turmas infantis, mas que também se desenvolve nos adultos, o caráter terapêutico da arte, que se relaciona ao grau de socialização que a escola possibilita, aproximando as pessoas. São pessoas no espectro autista, pessoas com fobia social e que, nesse âmbito, foi apontado a quebra de preconceitos e o pertencimento ao espaço que se cultiva dentro de cada um levando a uma melhor relação com o coletivo desses grupos. Esse aspecto terapêutico foi muito conectado também em referência às pessoas que já se encontram aposentadas, além de pessoas com deficiência mental ou intelectual. Como apontado anteriormente, apesar da dificuldade de

acompanhamento de dados, a escola conta atualmente com 30 PCDs, físicos e mentais, de acordo com a secretaria da escola.

Nesse caso também foi destacada a personalidade do locutor da rádio da escola, ele que é um homem que chegou ao espaço com encaminhamento do CAPs - Centro de Atenção Psicossocial - e foi usado de exemplo do caráter transformador que a escola é capaz de exercer. Inicialmente sempre em postura defensiva e sem interações, que sofria de tremores, mas que “foi se identificando com a arte, a arte foi ajudando ele a desenvolver a expressividade dele, a sensibilidade que acho que ele tinha mas não sabia como desenvolver” (fala da secretária da escola). Ele ocupa o espaço há anos e se tornou um locutor extremamente comunicativo e ícone conhecido por todos no local. Esse movimento de permanecer na escola por longos anos foi pontuado em vários discursos, ele transparece pelos exemplos de conclusão de estudantes do curso em uma modalidade e seu retorno em uma nova escolha. Esse retorno também é pontuado como uma consequência de uma cultura de paz dentro do espaço escolar, bem como a concepção de inclusão e respeito à diversidade.

Nesses diálogos e observações foi possível perceber muito dos pontos levantados pelo próprio grupo de funcionários em relação aos estudantes na prática. Em um primeiro momento foi perceptível o apontamento do escolher permanecer na escola, o que leva muitos estudantes a ter longos anos de casa. Esse exemplo se concretizou com as duas das alunas entrevistadas, ambas com uma década na instituição. Uma delas formada na área de artes cênicas, com 6 meses de oficina de inicialização em teatro e mais os dois anos de curso básico. Agora ela retorna à escola para modalidade de dança contemporânea. Da mesma maneira o exemplo do locutor, que povoa o lugar há anos e virou símbolo conhecido. Esse impulso em retornar é capaz de indicar fortemente o tipo de local de afetividade, acolhimento e amorosidade nos termos freirianos (Freire, 1987; 2014) e é possível perceber isso também nos intervalos das aulas com as trocas que se estabelecem entre os estudantes em sua diversidade. São muitas idades, gêneros, cores e vivências que entram em contato e estabelecem vínculo com as atividades artísticas em seu centro.

Em grande medida todo esse apontamento se relaciona com o que podemos

entender como aspecto de acolhimento, entendendo que a arte se associa muito ao aspecto emocional dos indivíduos e compartilhamento de experiências, sendo então capaz de trabalhar angústias e medos através da prática artística. Nesse sentido, se aproxima muito da função freudiana da arte (Freud, 2014), a capacidade de canalizar sentimentos trabalhando angústias e desenvolvendo a percepção do eu em relação a si e ao outro, referenciando o poder curativo da arte, do autoconhecimento, descobrindo a si e canalizando esses sentimentos através do fazer artístico como libertador, sendo ao mesmo tempo prazeroso e educativo.

Outro aspecto motivacional apontado foi o caráter profissionalizante de pessoas que pretendem fazer prova para outras instituições como o Conservatório Pernambucano de Música, no que se refere a modalidade de música, ou prestar o vestibular para a Universidade Federal de Pernambuco, que abarca todas as modalidades ensinadas na João Pernambuco, ou ainda participar da banda do Colégio Militar. Nas artes cênicas esse aspecto também se destaca ainda mais pela concessão do DRT. Essas pessoas veem na João Pernambuco uma possibilidade de ponte para seu objetivo.

Uma das especificidades também levantadas foi o caráter de estado de espera. Essa é uma faceta que possivelmente remete a um dos motivos mais subjetivos e pessoais - claro que sem perder a realidade concreta e material que se conecta a esses aspectos, pois está ligado aos rumos da vida de cada pessoa e que adia a realização de uma atividade que é descrita como sonho - um sonho em estado de espera que encontra então as condições de realização. Essa especificidade que foi realidade de uma das entrevistadas e que relatou como viveu um estado de resistência até iniciar suas aulas de bateria. Essa entrevista gerou pontos importantes de percepção, uma mulher autodeclarada parda na faixa dos trinta anos que vive, junto a sua realidade de trabalho administrativo, aulas de bateria, que possui um imaginário de instrumento masculino, se realizando aqui uma quebra de estereótipos, enquanto, ao mesmo tempo, se concretiza diferentes camadas de uma mesma personalidade. A funcionária que é artista e que é também tanta coisa encontra na Escola espaço para realizar uma das suas facetas. É o exercício da cidadania em seu aspecto múltiplo, a oportunidade de acessar a multiplicidade de camadas que compõem um ser (Oliveira, 1999).

Eu sempre gostei de bateria, desde nova assim, começou com uns quatorze anos... eu tava falando da questão da resistência, né? Pronto, eu sou uma dessas vítimas da resistência. É... eu achava muito lindo, assistia muita coisa, ficava vendo, ficava imaginando, mas assim... não ia estudar, não ia procurar, sabe? E aí eu realmente tomei essa iniciativa de procurar um curso, um professor já velha (Secretária).

Foi pontuado também, pelo corpo de funcionários, o aspecto da autoestima através do estudo da arte. O propor-se a realizar algo e o trabalho para tal, de como que esse desafiar-se desperta no indivíduo uma postura de ação que ao realizar de fato uma atividade, que pode parecer simples para quem enxerga de fora, é, na verdade, um ultrapassar pouco a pouco limites, gerando felicidade e aumento na autoestima. A sensibilidade é aflorada ao se perceber capaz de realizar e criar novas ideias, desenvolvendo novas habilidades.

Eu vejo muito essa questão de você se ver capaz de fazer, você tem um nada, uma tela em branco, um papel em branco e fazer algo, você construir algo. E não só isso, a gente debate muito o social também, a questão do ser capaz, do se fazer presente no lugar de você se sentir pertencente e ir para outros lugares de artes que é tão importante pro senso crítico e para você viver como sociedade, então a arte é isso tudo, é extremamente político, mas é tanto sensível da questão do eu, de você se enxergar, olhar pra si, quanto a questão dos outros né, o que você quer pra si, pros outros, essa comunicação (Professora de Artes visuais).

Outro aspecto ainda foi o caráter inquietador e questionador da arte para além da sensação de agradável, gerando assim um elemento de alargar as percepções da realidade para além da que pode estar imediatamente ao redor de cada pessoa. A capacidade de gerar debates sociais e a vontade de buscar conhecimentos sobre aquilo que compõem a sociedade de forma inquisidora e não passiva.

Foi possível perceber ao longo das falas e reflexões das pessoas que participaram desses diálogos um grande espaço de pertencimento em relação a João Pernambuco. São pessoas que encaixam a escola em sua rotina, que dão grande grau de importância aos conhecimentos construídos nesse lugar e que estão dispostas a construir uma relação com a arte em postura de desafio, permitir que as reflexões desenvolvidas nas aulas penetrem na pele e na mente. As muitas motivações proferidas durante os diálogos se vincularam fortemente às várias

funções da arte discutidas por Fischer (2002). O caráter terapêutico de trabalho e aprofundamento do eu freudiano pôde ser percebido nas falas bem como a relação de criticidade. Mas em todas as motivações foi possível perceber a postura de abertura à experiência, e em certo grau o desenvolvimento daquilo que Ciro Marcondes (2016) denomina de 'violentar o pensamento' como forma de dilatar a sensibilidade e assim alargar o olhar sobre o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho partiu de uma perspectiva em especial destacada por Fischer (2002) da arte como elemento que promove questionamento devolvendo o indivíduo para uma noção de coletividade pela autopercepção do local que este ocupa na sociedade e também a proposta pedagógica da escola em ocupar o espaço de formação de agentes para a vida além do espaço escolar, assim compreendido *stricto sensu*, em uma percepção de educação para liberdade nos termos de Gadotti (1983) e Freire (1983). No entanto, tomando emprestado o título do próprio Gadotti - escola vivida, escola projetada - o que se percebe, apesar de partir inicialmente dessas perspectivas e ser ela também uma proposta de ensino da escola, é que ela se concretiza como apenas uma das facetas de percepção que constitui a realidade concreta da escola, tendo em vista o exemplo da percepção de caráter conservador apontado dentro da relação da música com a religiosidade. São várias as significações da arte dada por cada pessoa e que se assemelham às funções diferentes da arte descritas por Fischer (2002). Essas são, em suma, a disputa em redor do conceito de arte concretizada na realidade. Essas significações sobre a arte se realizam de acordo com cada contexto de cada pessoa que dela sente necessidade.

Nesse sentido, as motivações que se destacaram foram pelo viés profissional, de uma estudante que já fazia parte em sua igreja da área que estava estudando, além disso foi destacado por parte dela o fator democratizante e inclusivo pela percepção de que o acesso a arte pode se apresentar como algo excludente pelo viés

financeiro de seu acesso. Aulas de música, dança e outras modalidades são financeiramente inacessíveis para grande parte das camadas populares, assim, a escola é uma ponte que abre portas e possibilita esse investimento profissional, funcionando também como promoção de ascensão social (Bourdieu, 1998) e promotora de cidadania.

Também foi destacado em grande medida o viés das paixões e afetos. Entendendo a arte como ação prazerosa e criativa. A busca pela expressão do eu se mostrou muito marcada nas falas, em especial em uma delas que usa a dança como forma de expressão de si uma vez que não se faz uma pessoa muito comunicativa pela fala. Esse viés é um fator que pôde ser captado nos diálogos, pois transpareceu em nas falas e nas posturas das pessoas que ocupam a João Pernambuco, todas possuíam olhos vibrantes e entonações emocionadas, além da postura ativa na construção do conhecimento nos momentos de aula.

Eu não sou uma pessoa muito de falar, então a dança ela basicamente faz com que eu consiga me **expressar em todos os sentidos**, em todos os aspectos, seja ele triste ou alegre. Todos os ritmos faz com que eu consiga de fato me expressar da melhor forma. Esse foi o intuito principal mesmo, mas porque eu já sou apaixonada, e os demais é mais pra ganhar conhecimento mesmo que nunca é demais (Estudante).

Por outro lado, se aparece como proposta pedagógica da escola o estreitamento das relações com grupos da cultura popular local, buscando acabar com a distinção entre cultura popular e erudita, sendo esses grupos e manifestações fortemente perpassados por uma característica de localidade e território (Sousa, 2008), a instituição esbarra na curiosidade e problemática que é a relação da escola com a comunidade ao redor. Esse foi um ponto observado durante a pesquisa e também destacado nas entrevistas, sendo que estudantes, muito mais fortemente percebido em turmas infantis, são provenientes de bairros de classe média e mais elevadas, que tomam conhecimento da escola e ocupam esse espaço, enquanto aquelas pessoas da comunidade ao redor, se não chegam a tomar conhecimento da escola, ao tomarem não se apropriam desse local. Essa observação abre um leque de possibilidades de interpretação sobre essa relação sem muita integração. Esse é um elemento não inicialmente previsto como parte desse trabalho, mas que salta à vista como problema de caráter interessante, uma vez que a escola possui uma proposta de democratização de acesso, de inclusão social, de estreitamento com elementos

da cultura popular, mas no sentido de gerar pertencimento e ocupação por parte dos moradores das redondezas, um entrave se apresenta.

Isso também tem relação direta com a forma de conhecimento que levou as pessoas até a escola. Todos os entrevistados, com exceção de uma estudante - que conheceu realizando uma pesquisa sobre locais que ofertavam aulas de teatro - pontuaram que tomaram conhecimento através de amigos que já conheciam o espaço. Ou seja, se estabelece aqui um caráter muito informal, o popular boca a boca. No entanto, atualmente, na era das mídias sociais, a escola conta, no momento em que este trabalho está sendo escrito, com 12,5 mil seguidores no instagram, o que possibilita uma maior divulgação dos trabalhos da escola com aumento do acesso ao espaço, se não necessariamente em número de estudantes matriculados, mas como público participante.

Em certa medida, é possível perceber uma contradição entre o que se propõe e o que se realiza, visto que a escola possui a postura de desenvolver cidadãos críticos, como apontado pela própria direção, mas o perfil do curso de música ainda se prende a uma forma muito tradicional de ensino. De tal maneira, é possível compreender uma relação de compartilhamento de realidades, a escola que se propõe a uma relação mais crítica com a realidade não consegue se desvincular por completo de certa tecnicidade ou formalidade do ensino em algumas áreas.

Da mesma maneira se desenvolve uma realidade em disputa quando a instituição se propõe a abraçar as manifestações de cultura popular locais, mas se depara com uma relação em certo grau limitada com os moradores da localidade como pontuada em entrevista.

Esses elementos trazem à tona então a necessidade de elaborar estratégias para pensar formas de tornar ainda mais democrático e inclusivo o acesso a arte que transparece nitidamente importante nas falas dos participantes desse trabalho. Alternativas que passam primeiramente pela relação de descentralização de região, considerando que muitos dos frequentadores são de bairros próximos, zonas norte e oeste - dos entrevistados apenas duas pessoas eram de Cabo de Santo Agostinho e ambos professores - sendo assim, pensar em uma nova escola nesses moldes em outra região da cidade funciona como boa alternativa.

É possível pensar também na alternativa de convênios com escolas em bairros descentralizados. Essa alternativa não esbarraria na dificuldade de construção e local para tal construção com as licitações envolvidas, por exemplo. Ela ainda seria capaz de uma descentralização por região mais ampla e principalmente por uma amplidão de acesso no que tange aos moradores locais, visto que poderia se garantir o acesso tanto aos estudantes da escola conveniada quanto aos moradores das redondezas e, ainda, promover uma maior integração entre os movimentos de cultura popular dos bairros com as escolas locais. Nesse caso, a escola João Pernambuco seria fisicamente centralizada, mas cedendo os professores e professoras para as escolas dos bairros. Claro que essa alternativa não estaria completamente livre de dificuldades, nesse caso, a contratação de um número maior de professores.

Fato é que, como demonstrado nas falas e observações, o acesso à arte, e a escola como garantidora desse acesso, está envolto em diversas motivações - profissional, terapêutico, socialização, religioso, desenvolvimento de uma sensibilidade crítica - e que o modelo de funcionamento da João Pernambuco consegue dar a oportunidade de realização de objetivos e sonhos que nem sempre seriam possíveis ou estariam envoltos em um grau de dificuldade muito grande. Por isso também que transparece nas falas o sentimento de acolhimento, de carinho e pertencimento com o lugar que é uma porta de acesso ao universo artístico como coletividade e ao desenvolvimento das sensibilidades, muitas vezes, escondidas em cada indivíduo que vão se aflorando com esse contato.

É possível, então, compreender esse trabalho também como uma análise de uma política pública pelo viés qualitativo. Ao imaginar, por exemplo, uma análise de uma política pública como o Bolsa Família, quase intuitivamente, pelo seu caráter alimentar e material, se volta para dados quantitativos para compreensão do alcance dessa política na transformação da sociedade; porém é possível fazer o exercício sociológico imaginativo em relação a essa política pública pelo viés qualitativo chegando ao seu significado para cada família beneficiária. Pela sua capacidade de mudar realidades, não há dúvidas da sua importância, e é através do viés qualitativo que debruça-se sobre as vozes de sujeitos, indo além de números.

Nesse caso, em relação à Escola Municipal de Arte João Pernambuco, é uma

política pública de forte capital cultural, com atuação no âmbito das artes, logo, acessa o âmbito das subjetividades e por isso a necessidade ainda mais latente da abordagem qualitativa para ser capaz de captar os simbolismos dessas pessoas em sua relação com a escola. Considerando que em momentos de crise e em uma sociedade estruturada em desigualdades, são elementos culturais que primeiro são descartados ou se cristalizam como privilégio, observar esse acesso como direito fundamental, como o próprio direito à alimentação, de outro tipo de fome - como mostrado no título desse trabalho em referência à música dos compositores Juliano Holanda e Martins - se faz essencial para o desenvolvimento da cidadania.

E nessa perspectiva de cidadania e participação que a escola Municipal de Arte João Pernambuco pode ser potencializada para uma construção de uma escola pública mais esperançosa, participativa e respeitosa à diversidade; mais igualitária e pertencente a todos da comunidade. E que precisa ser cuidada e preservada com mais atenção e pertencimento ético.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FISCHER, Ernst. A necessidade da arte. 9ª Edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

HAUSER, Arnold. História social da arte e da literatura. 5ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1999.

CAMPOS, Moema Craveiro. A educação musical e o novo paradigma. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

COSTA, Marisa Vorraber. Educação popular hoje. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

GADOTTI, Moacir. Concepção Dialética da Educação: um estudo introdutório. São Paulo: Cortez Editora, 1983.

GADOTTI, Moacir. Escola vivida, escola projetada. São Paulo: Papyrus, 1992.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança. 17ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. Pedagogia dos sonhos possíveis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

BOURDIEU, Pierre. Escritos de Educação. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MARCONDES FILHO, Ciro. Teorias da comunicação hoje. São Paula: Paulus, 2016.

COSTA, René Marc da Costa. Cultura Popular e Educação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008.

MARX, Karl. Manuscritos Econômicos Filosóficos e outros textos escolhidos. 2ª Edição. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

DURKHEIM, Émile. Da divisão do trabalho social; As regras do método sociológico; O suicídio; As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

CASTRO, Celso. Textos básicos de Antropologia: cem anos de tradição: Boas, Malinowski, Lévi-Strauss e outros. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. 2ª Edição. São Paula: Abril Cultural, 1978.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. Novos estudos, nº 21, Julho, 1988.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. 1ª Edição. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LEVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural. 1973.

FREUD, Sigmund. Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados. 1ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

CRESWELL, John W. - Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2010.

APPOLINÁRIO, Fábio - Metodologia da ciência: Filosofia e prática da pesquisa. 2ª Edição. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

BÓSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BÓSI, Ecléa. Cultura de Massa e cultura popular. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOFF, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOFF, Leonardo. Sustentabilidade: o que é o que não é. Petrópolis: Vozes, 2012.

GALLO, Sílvio (Org). Ética e cidadania. 9ª edição. Campinas: Papirus, 2002.

KEIM, Ernesto Jacob. Educação da Insurreição. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

SOUSA, João Morais de(Org.). 1º Concurso de Contos e Poesias da UFRPE. Recife: EDUFRPE. 2008.

SOUSA, João Morais. Esperança, Participação e Cidadania. Folha de Pernambuco, Recife, p. 09 - 09, 30 jul. 2007.

OLIVEIRA, Francisco de > <https://pt.scribd.com/document/228615899/O-Que-e-Formacao-Para-a-Cidadania-francisco-de-Oliveira>< Novembro de 1999.

LAPLANTINE, François. Aprender antropologia. São Paulo: Brasiliense, 2007.

ANEXOS

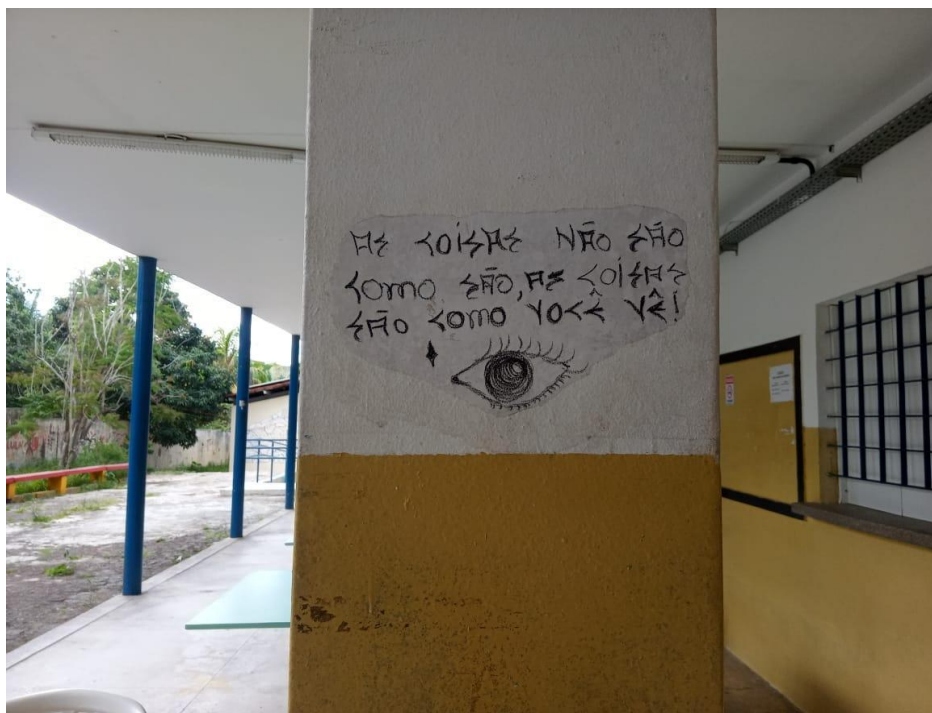
(Todas as imagens foram feitas pela autora dentro do ambiente da escola)



(Imagem 1: Letreiro com o nome da escola)



(Imagem 2: Desenho exposto nas paredes da escola com a Sigla referente ao nome da escola e a legenda "O lugar onde eu posso me expressar de verdade e ser apenas EU")



(Imagem 3: Arte exposta na parede da cantina da escola com a legenda “As coisas não são como são, as coisas são como você vê!”)



(Imagem 4: Artes visuais expostas na parede do bicicletário da escola escola com as seguintes legendas “Uma mulher amar a outra é um ato revolucionário” e “A vida é uma dança cósmica, Ailton Krenac”)



(Imagem 5: Geladeira repleta de artes em frente a sala de artes visuais e da biblioteca)



(Imagem 6: Pátio da escola - Térreo)



(Imagem 7: Pinturas nos muros que cercam a escola do pátio até os fundos)

ATENÇÃO!!!

NOVO HORÁRIO DA MERENDA

ADULTOS	CRIANÇAS
MANHÃ: 10:00 ÀS 10:40	MANHÃ: 09:30 ÀS 10:00
TARDE: 16:00 ÀS 16:40	TARDE: 15:30 ÀS 16:00
NOITE: 18:30 ÀS 19:30	

(Imagem 8: Quadro de avisos exposto ao lado da cantina)

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Gênero *

- Mulher cis
- Homem Cis
- Mulher Trans
- Homem Trans
- Não binária
- Outros...

Raça/Cor *

- Preta
- Parda
- Branca
- Amarela
- Indígena

Faixa Etária *

- 16-26
- 27-37
- 38-48
- 49-59
- <60

Escolaridade *

- Fundamental incompleto
- Fundamental completo
- Médio incompleto
- Médio completo
- Superior incompleto
- Superior completo
- Pós-Graduação incompleta
- Pós-Graduação completa

Relação de emprego *

- Empregadx
- Desempregadx
- Trabalho doméstico
- Estudante
- Estuda e trabalha

Qual emprego e/ou área de estudo

Texto de resposta curta

Região de Residência *

Texto de resposta curta

Religião

Texto de resposta curta

Modalidade estudada na escola *

Artes Visuais

Artes Cênicas

Dança

Música

Qual instrumento/modalidade de dança/teatro

Texto de resposta curta

Como tomou conhecimento da escola

Texto de resposta curta

Por que estudar artes na JP (O que motivou a procura e o que mantém a presença)

Texto de resposta longa

Dos Funcionários

Há quanto tempo está ativo na escola (ano de ingresso) *

Texto de resposta curta

Como foi o processo de ingresso como funcionárix (Como tomou conhecimento...)

Texto de resposta longa

O que percebe de dificuldades do funcionamento prático (relação com repasse de verba, contratação de outros funcionários,

Texto de resposta curta

Como percebe a relação dos alunxs com a escola

Texto de resposta longa
